**PRINCIPAIS PONTOS ABORDADOS**

A matéria publicada na Superinteressante chamada de “O Lado Negro do Facebook” discorre sobre a ascensão de tal rede social e algumas de suas consequências na sociedade. Entre essas está, conforme estudo das Universidades de Michigan e Leuven, a formação de pessoas mais infelizes, a qual pode ser decorrente da chamada “inveja subliminar” que vem acompanhada de comportamentos mais impulsivos, desatentos, narcisistas e despreocupação com o sentimento dos outros.

Com relação a esse último ponto, em outro estudo da Universidade de Michigan, ficou claro que jovens que cresceram junto com a tecnologia possuem uma tendência maior a serem menos empáticos. Uma das causas pode ser o ambiente competitivo e ligado ao egocentrismo e agressividade (posts “irritados” têm maior alcance, de acordo com a Universidade de Beninhang) que é fomentado pelas redes sociais.

Por sua vez, o TED Talk de Sherry Turkle chama atenção a um ciclo que ocorre no nosso uso de redes sociais no geral. Esse consiste em buscarmos a internet como forma de escapar das nossas tristezas do dia-a-dia; entretanto, lá é um local mais complicado de se formar uma conexão com alguém, coisa que proporciona um sentimento de que ninguém nos ouve e solidão que, por sua vez, proporciona tristeza. No fim, busca-se novamente a fuga dessa tristeza na internet.

Além disso, Turkle afirma que a ausência de autorreflexão das pessoas decorrente da falta de estabelecimento de relações com pessoas devido ao uso da internet é especialmente danosa em crianças e adolescentes, os quais estão em fase de desenvolvimento cognitivo. Essa incapacidade é potencializada pelo ambiente online que incentiva a construção de avatares, ou seja, uma figura virtual que fora editada de forma a se aproximar de uma dita “perfeição”.

O ponto principal dela é que a web nos fornece falsas fantasias, como a capacidade de controlar nossa atenção, sempre ser ouvido e nunca ficar sozinho.

**COMO EVITAR A NEGATIVIDADE DAS REDES**

A reportagem de Alexandre de Santi diz que uma boa maneira de evitar essa negatividade é controlando o que a rede social sabe sobre você. Nesse contexto, ele dá dicas de como desabilitar o acesso à localização do aplicativo Messenger, instalação de programas que impeçam de sites monitorarem internautas e de que maneira acessar o que o Facebook já sabe sobre o usuário.

No TED Talk, por sua vez, Sherry Turkle fala que as pessoas devem começar a ver com bons olhos os momentos em que se está sozinho, objetivando a autorreflexão e impedindo a solidão como problema crônico. Além disso, é a favor de conversas com intuito único de estabelecimento de conexão com outra pessoa, para isso incentiva que se reserve locais em casa para conversar e aprenda-se a ouvir mais, inclusive aquilo que “não é interessante”.

Nesse momento de pandemia e isolamento social, é interessante que conversemos com aqueles que vivem conosco. Já para aqueles que vivem longe, não enviar apenas mensagem, mas também ligar e buscar conversar sobre nada em específico, também pode servir de boa terapia às duas partes.

**O QUÃO “SOCIAIS” SÃO ESSAS REDES**

Tanto Santi quando Turkle concordam em um ponto: as redes sociais não são tão “sociais” quanto se parecem.

O objetivo original dessas redes era a de conectar pessoas que estão distantes, tornando todos mais próximos e facilitando a relação humana. No entanto, como mostra a reportagem da Superinteressante, esses sites acabam proporcionando um espaço mais livre para propagação de comentários maldosos, além de estarem mais preocupadas em manter usuários pela maior quantidade de tempo logado, para que se colete mais dados e venda mais propagandas.

O TED por sua vez, fala que esse pensamento de “facilitar a relação humana” é o cerne de vários problemas. Visto que, na vida real, as relações humanas são complicadas e nada bonitas, o que acaba por criar na web falsas imagens sobre as pessoas e sobre as relações que essas têm umas com as outras, levando à uma superficialidade e uma falsa perfeição que gera tristeza naqueles que veem.

Eu vejo que melhorar a conexão interpessoal nesses meios depende mais de nós (usuários) do que das empresas por trás dos sites. Assim, devemos ver esses locais como plataformas e não como “únicos meios de comunicação”, visando assim buscar diferentes plataformas para que entremos em contato com aqueles que amamos. Além disso, é interessante que saibamos que o que é postado na internet nem sempre (quase nunca) representa uma realidade concreta, mas um recorte, e a única forma de conhecermos alguém de fato, como disse Turkle, é conviver com essa pessoa em ambientes que vão além de uma *timeline*.

**A COMPRA DE LIKES DO FACEBOOK**

A Superinteressante trouxe um outro fato: a possibilidade de que páginas no Facebook comprem likes. A forma como tudo isso funciona é, no mínimo, curiosa, sem uma resposta clara de como esses likes acontecem (quem os dá?).

Esse fato só demonstra como a “meritocracia” não funciona sequer em redes sociais, dado que prevalece apenas a lógica do dinheiro, assim quem possui mais dinheiro tem a capacidade de comprar mais likes e, consequentemente, crescer com maior facilidade.

Fato esse que lembra o posicionamento de Andrew Keen e Jaron Lanier no IQ2 Debate, os quais tem um posicionamento de desconfiança com a tecnologia, dada que essa está nas mãos de grandes empresas capitalistas com objetivo quase que único e final de gerar lucro. Dessa forma, faz muito sentido vender a relevância na plataforma por meio da compra de likes.